

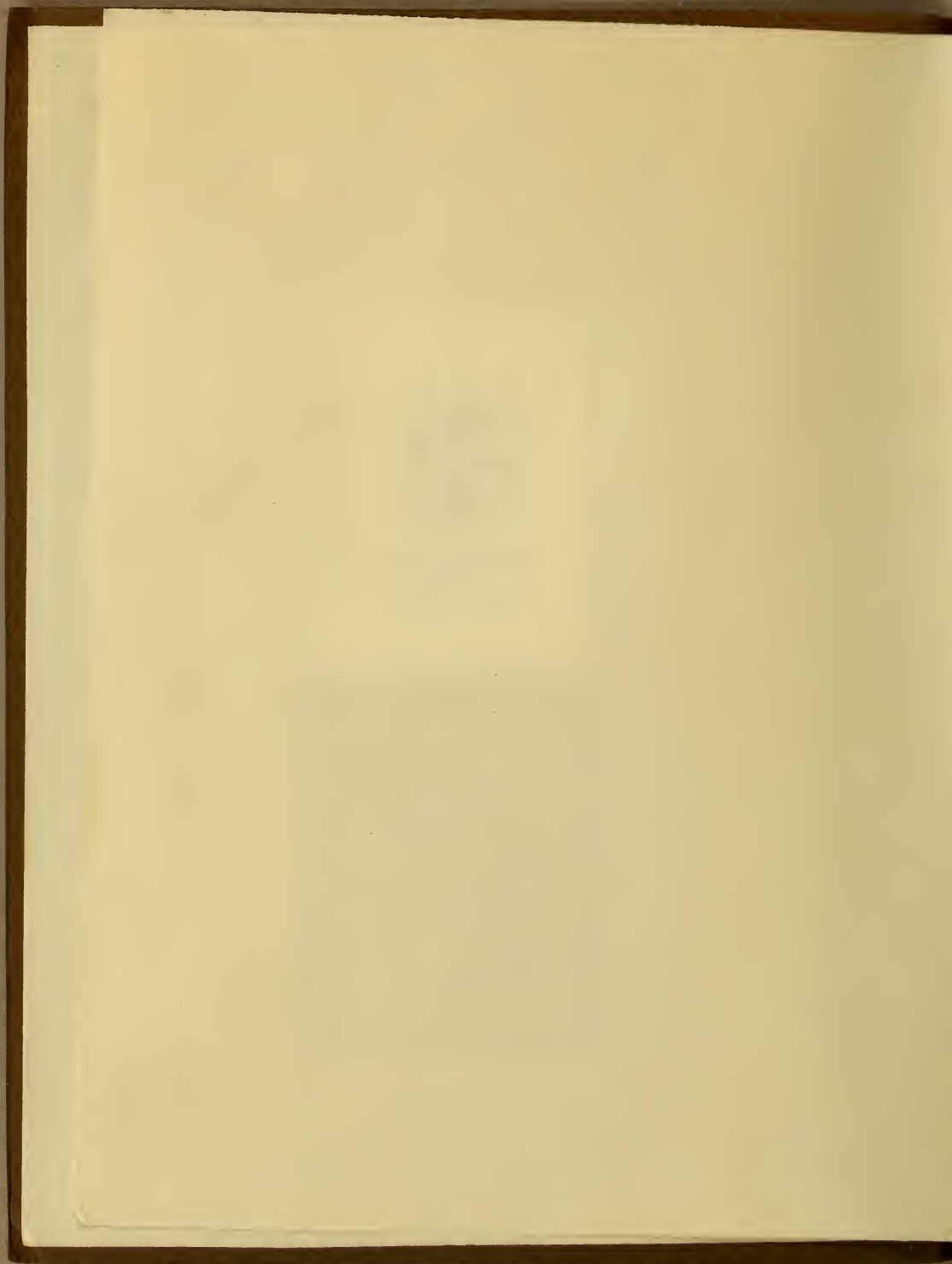


John Carter Brown  
Library  
Brown University

JOHN CARTER BROWN  
LIBRARY

Purchased from the  
Trust Fund of  
Lathrop Colgate Harper  
LITT. D.





126  
2052

374  
2871

1121  
1075  
28

SERMAM  
DO ESPOSO

DA MÃY DE DEOS

S. IOSEPH.

NO DIA DOS ANNOS

DO SENHOR REY

DOM IOAM O IV.

Da gloriosa memoria.

*Prégono na Capella Real*

OP. ANTONIO VIEIRA DA COMPANHIA  
de I E s v Prégador de S. Magestade.

---

*Com todas as licenças necessarias.*

EM LISBOA.

NA Impressam Real, por Antonio Craesbeeck de  
Mello. Anno de 1673.

GRAMAM  
DOESPOSO

DAMAY DE DEOS

SIOSERN

NO DIA DOS ANNOS

BOANNORREY

POMIOM O IV. 

The gloriosa memoria

Reino de Casilla Real

DE LA TONIA VIRIAD/COMPANIA  
de la yndia de las Indias

En tola de Indias

EM LISBOA

de la yndia de las Indias  
de la yndia de las Indias

*Ioseph fili David noli timere.* Math. i.



ONHOU Ioseph (Muy altos, & muy poderosos Reys, & Senhores nossos) sonhou Ioseph, o que depois foy Vizorei do Egipto, que o Sol, a Lua, as estrellas abatendo do Ceo á terra a Magestade luminosa de seus resplandores, humilde méte postrados o adoravam. Quiz interpretar este sonho seu pay, & disse, q̄ elle

Gen. 37

Jacob era o Sol, Rachel sua esposa a Lua, seus filhos desde Ruben a Benjamin as estrellas, & que viria tempo a Ioseph, em que Deos o levataria a tam soberana fortuna, que seu mesmo pay, sua mãy, & seus irmãos cõ o juelho em terra o adorassem. Os Doutores commūmente tem esta interpretação do sonho por verdadeiras; mas o certo he que hum Ioseph foy o que sonhou, & outro Ioseph foy o sonhado. O Ioseph que sonhou foy Ioseph o filho de Jacob; o Ioseph sonhado foy Ioseph o esposo de Maria. O Ioseph filho de Jacob sonhou somēte, porque ainda que digamos, que em seu pay o adorou o Sol, & em seus irmãos as Estrellas, he certo que em Rachel sua mãy lhe fltou a adoraçam da Lua, porque quãdo Jacob, & seus filhos adoraram a Ioseph no Egipto ja era morta Rachel, & ficava sepultada em Belem. Seguese logo, que o Ioseph verdadeiramente sonhado foy Ioseph o esposo de Maria, porque nelle se compriram cabalmente todas as partes do sonho. Adorou a Ioseph o Sol, porque a titulo de sogeiaçam filial lhe guardou reverēcia, & acatamento o mesmo Sol de Iustiaça Christo: *Et erat subditus illis:* adorou a Ioseph a Lua, porque o titulo de verdadeira esposa lhe deveo obediencia, & amor aquella Senhora, que he como a Lua fermosa: *puchra ut Luna:* adoraram a Ioseph a Estrellas porque o titulo, ou reputaçam de pay de seu Mestre o respeitaram com grãde veneraçam os Appo-

Luc. 2

Cant. 6

Dan. 12.

ftolos, aquelles de quem diz o Spiritto Santo: *Fulgebunt q uar  
si stella in perpetuas aternitates.* E quando sò a Virgem Ma-  
ria adorasse a seu esposo, nesta sò adoraçam se compria to-  
do o sonho inteiramente, porque nella o adorava o Sol, nel-  
la a Lua, nella as estrellas: o Sol, *Mulier amicta Sole,* a Lua  
*Luna sub pedibus ejus,* as estrellas, *& in capite ejus corona duo-  
decim Stellarum.*

Apos. 12

Este he S. Ioseph, senhor, & este he o soberano Planeta, q  
predominou neste fermozo dia, dia em que com o felicil-  
fimo nacimiento de V. Mag. naceu outra vez aos Portu-  
gueses a esperança, ao Reyno a liberdade, & Portugal a sy  
mesmo. Iusto era que ao nacimiento de taõ grande, & novo  
Rey melhoraſſe suas cõstellaçõs o Ceo, & lhe affitſſem  
novos, & mayores Planetas. Nõs nacimẽtos des outros Prin-  
cipes & Monarchas do mũdo, ou predomina o Sol, ou pre-  
domina a Lua, ou predomina alguma das Estrellas: mas nes-  
te nacimiento singular, pera q fosse mais felice q todos, pre-  
dominou hũ Planeta novo, & superior, a quẽ o Sol, a quẽ a  
Lua, a quẽ as estrellas adoraõ. Parecerã isto modo de fallar,  
& consideraçam tãõ minha, mas he doutrina muy assentada,  
nam menos q desdo antiquissimo Tertuliano. Notou este  
grande Doutor, que os Magos no nacimiento de Christo  
nam renunciaram a astrologia, mudaraõna. Antes de Chris-  
to nacer observavaõse as estrellas do Ceo, despois de seu  
nacimẽto observavaõse as estrellas de Christo. *De Christo est  
mathesis hodie Stellas Christinon Saturnus, & Martis observat,*  
Parece que para este dia foram cortadas estas palavras. *De  
Christi est Mathesis hodie:* a astrologia do dia de hoje: he de  
Christo; *Stellas Christinon Saturni, & Martis observat:* nam  
observamos estrellas de Marte, ou de Saturno, cujos juizos  
sãõ tam errados, como fabulosos seus nomes; observamos  
hũã Estrella de Christo, Estrella a quem todas demais ado-  
ram, que he, nam Ioseph o filho de Iacob, senam Ioseph o  
filho de David, *Ioseph fili David nolĩ timere.*

Tertul.

Sendo pois tam superior a Estrella deste dia, sendo tam  
divino o Planeta deste nacimiento, quaes serãõ, ou quaes  
seriam



seriam suas influencias? Ora eu pera satisfazer a todas as  
obrigaçoes desta solemnidade, & pera que com devoto  
agradecimento conheçamos os Portuguezes o muito que  
devemos ao divino Esposo da Virgem, pretendo mostrar  
hoje, com algũa evidencia, que a liberdade a que este Rey:  
no se restituiu, & todos os bens, que com ella gozamos, são  
& foram influencias de Sam Ioseph. Tudo o que havia mis-  
ter, & tudo o que podia dezejar influyo neste seu dia a  
Portugal este soberano Planeta. Tudo o que Portugal ha-  
via mister, & tudo o que podia dezejar era ser Reyno, &  
ter Rey. Porque ainda que na realidade huma, & outra  
coisa tinhamos, nem o Reyno sem Rey era Reyno, nem o  
Rey sem Reyno era Rey. Pois que se fez neste seu dia Sam  
Ioseph para que o Rey tivesse Reyno influyo ao Reyno  
restituiçam de liberdade. E pera que o Reyno tivesse Rey  
influyo ao Rey calidades, & perfeiçoens Reaes. Esta será a  
materia. Para fundamento, & prova de toda ella, não que-  
ro mais q' a metade das palavras do thema; *Ioseph fili David.*  
Todas estas palavras do Evangelho seram prova destas  
duas: & estas duas palavras seram repostas de todas as  
duvidas do Evangelho.

*Ioseph fili David noli timere.*

**E** Stando cuidadoso, & affligido Sam Ioseph en-  
tre as perplexidades do Mysterio da Encarna-  
çam, cujos effeitos via, & cujas causas igno-  
rava, diz o nosso Evangelista, que lhe appareceo  
hum Anjo em sonhos, o qual lhe disse assi. *Ioseph fili David noli timere.* Joseph filho de David não te-  
mas. Depois pôde ser que pondere, o não temas, agora  
reparo somente no filho de David. Filho de David Ioseph  
a estas horas: com que fundamento se a soberania daquel-  
la prosapia estava já tam envelhecida, ou tam envilecida  
em Ioseph, que o sceptro Real de David pella inju-  
ria, & inconstancia dos tempos tinha já degenerado

Chrysol.

em suas mãos a instrumentos mecânicos, como lhe chama  
filho de David o Anjo: chamelhe o que he, nam lhe chame  
o que foy, que isso ja não lembra. Sam Pedro Chryfologo  
respondeu a esta duvida cõ hũas palavras, q̃ sendo escritas  
em Italia ha ottocētos annos, parece, que se escreveram em  
Portugal de tres a esta parte. *Vidētis fratres in persona genus  
vocari, vidētis in uno totam profepiam nuncupari, vidētis in Io-  
seph feri. in David. ci stemmatis jam citari Trigesima octava ge-  
neratione natus quomodo David filius dicitur, nisi quia gentis ape-  
ritur arcanum fides promissionis impletur.* Largas mas divinas  
palavras! Chamou o Anjo a S. Ioseph filho de David sen-  
do a trigesima oitava geraçam daquelle Rey (diz Chryfo-  
logo) para que se lembrasse o Santo das profecias antigas,  
& entendesse que o Reyno de Israel tiranizado pellos Ro-  
manos, em seus ditozos tempos se restituia a seu legitimo  
successor, conforme o juramento feito a el Rey David pri-  
meiro fundador daquelle Coroa: *Iuravit Dominus David ve-  
ritatem, & nō frustrabitur cū de fructu ventris tui ponā super se-  
dem tuam.* Donde he bem que notemos as palavras do jura-  
mento, nas quais diz Deos a David, que o fruto do seu ven-  
tre se assentaria no trono Real de Iuda: *de fructu ventris tui  
ponam super sedem tuam.* Se Deos fallara com algũ Raynha  
parece, que estava dito com propiedade: o fruto do teu  
ventre se tornará a assentar no trono Real; mas fallando cõ  
hum Rey? fallando com David? porque como diz Santo  
Ireneo, Tertuliano, & S. Agostinho, quis Deos significar,  
que quando o Reyno se restituisse havia de ser perferindo  
a linha feminina à masculina como verdadeiramente a cõ-  
têceo, porque ainda que Ioseph, & Maria eram filhos de  
David, Christo que foy o Rey prometido era filho de  
David por Maria, & nam por Ioseph: O caso he tam se-  
melhante ao do nosso Reyno, que nam necessita de aco-  
modaçam. De maneira que temos a restauraçam de hum  
Reyno tiranizado, restituído depois de muytas geraçoens  
a seu legitimo Senhor preferindo na successam a linha fe-  
minina à masculina, & tudo conforme as profecias antigas

Iren.  
Tertul.  
August.

& juramento do primeiro fundador do Reyno. Ha propria  
idade mais propria? pois estas foram as primeiras influen-  
cias do nosso grande Planeta. Pera que o Rey, que, hoje  
nacia tivesse Reyno, influir ao Reyno restituicao de liber-  
dade. E ninguem me diga que se nam prova, que foram  
isto influencias suas; porque os Planetas quando dominam  
influem conforme suas calidades, & sendo este o dia, & es-  
tas calidades de S. Ioseph, não se pode negar quo foram  
estas suas influencias.

Esta he a primeira rezaõ do *fili David*. Pera a segunda de-  
ficulto as mesma palavras com diversa ponderaçam. Este  
Anjo que aqui appareceo a S. Ioseph, tornoulhe a appare-  
cer outras tres vezes; appareceulhe em Belem quando lhe  
notificou que se desterrasse pera Egypto: appareceulhe  
em Egypto quando o avisou da morte de Herodes; appa-  
receulhe no caminho de Iudea, quando o assegurou, que <sup>Math. 22.</sup>  
podia ir viver a Nazareth: & de todas estas vezes nenhũa <sup>Num. 16.</sup>  
lemos que lhe chamasse filho de David. Pois se este titulo <sup>Namer.</sup>  
de filho de David o nao dá o Anjo em nenhũa outra oc- <sup>22</sup>  
casiã a Sam Ioseph, neste caso de sua perplexidade por-  
que lhe chama Ioseph filho de David: *Ioseph fili David no-  
li timere?* Varias razoes dão os Santos, leu direi tambem a mi-  
nha, porque a quero provar. Chamou o Anjo a Sam Io-  
seph nesta ocasiã filho de David: porque se ouve o San-  
to nesta tam difficultosa açam com tanta realeza de ani-  
mo, que bem mostrava, que ainda que a fortuna lhe tirara  
a coroa da cabeça, tinha muito de Rey no coraçam. Cha-  
moulhe filho de Rey, porque vio que se portara muyto  
como Rey. Esta foy a segunda influencia, que diziamos do  
nosso Planeta Ioseph neste seu dia. Pera, que o Reyno tives-  
se Rey influir ao Rey calidades & perfeçoens Reaes. Bẽ  
conheço que parece cousa difficultoza na açam de huns  
ciumes formar a idea de hum Principe perfeito, mas o  
discurso me desempenhará, & nam nos hade defajudar o  
Evangelho. Vamos com elle.

*Ioseph autem cum esset vir justus, & nollet eam traducere vo-*

*luit oculte dimistere eum.* Diz o Evangelista, que vendo Sam Ioseph os indícios tam manifestos da Conceição de sua esposa, que como fosse varão justo, & a nam quisesse entregar á justiça, pera q̄ a castigasse, cõ forme a ley. Aqui reparo, antes de ir mais por diãte. Hũa grãde implicaçam parece que tem este texto. Que quer dizer, que a não quiz entregar á justiça porque era justo? se dissera que a não quiz entregar á justiça porque era piedosa, entam parece que estava mais propriamente advertido. Perdoar, não acuzar, sãõ actos de piedade, não sam actos de justiça. Pois porque troca o Evangelista os termos, & em vez de chamar a Ioseph piedoso lhe chama justo: *Ioseph autem cum esset vir iustus*? Chama o Evangelista a S. Ioseph, justo, quando, fazia hũa tam grande açãm de piedade; porq̄ como Ioseph tinha tanto de Rey, *Ioseph fili David*, tinha obrigaçam de justiça a ser piedoso; & quem tem obrigaçam de justiça a ser piedoso; quando he piedoso he justo. A piedade nos outros: homens he piedade, no Principe he justiça.

Quiz o bom Ladrão q̄ usasse Christo cõ elle de piedade, & disse assi; *Domine memento mei ut cum veneris in regnum tuum.* Senhor lembraivos de my depois que chegares ao vosso Reyno. Depois que chegares! & antes porque nam? A quem tanto padecia nam lhe estava melhor o socorro antes mais cedo, que mais tarde? si estava. Pois porque nam diz lembraivos, Senhor, de mi agora, senãõ depois de chegares a vosso Reyno? A rezaõ foy, diz Sam Chrystostomo, porque a lembrança, & piedade, que o ladram pedia antes de Christo ser Rey era favor, que lhe podia fazer; depois de ser Rey era justiça que nam podia negar. Foy tam astuto requerente o ladrão, que sendo a sua petiçam de misericordia, quiz que fosse o seu despacho de justiça. E como os Reys tem obrigaçam de justiça a ser piedosos, por isso disse lembraivos, Senhor, de my, não antes, senãõ depois de vires ao vosso Reyno, porque a mesma piedade que antes de Christo ser Rey era piedade, depois de ser Rey era justiça. He verdade que a miseria, que o ladram padecia

Chrysol.

padecia éra presente: mas como a misericórdia, que esperava, antes de Christo Reynar, era voluntaria, & despois de reinar, devida: por isso regulou sabiamente o seu requerimento, nam pelo tempo, em que experimenta em sy a necessidade, senam pera o tēpo, em que cōsiderava em Christo a obrigação. *Cum veneris in regnum tuū.* Não peço a piedade para agora senão pera depois que estiveres no vosso Reyno: porque ainda que eu a nam mereço agora, por ser culpado, vós ma deveis depois por seres Rey. E Christo que ja na Cruz era Rey, & Christo que ja na Cruz estava no seu Reyno, que he o que fez? *Hodie mecum eris in paradiso.* O ladrão pedia a piedade pera despois, porque cuidava q̄ Christo ainda não era Rey, & Christo cōcedeuhe a piedade logo, para mostrar q̄ ja o era. Hoje, hoje estarás comigo no paraíso. Como se dissera o' Senhor. Pedes-me piedade a titulo de Rey, pois ja ta dou, porque ja ta devo: Rey fou. E se a piedade nos Reys he devida, se a piedade nos Reys he justiça, que muito que se chame justo, quando foi piedoso, que tinha tanto de Rey como Ioseph? *Ioseph fili David.* Sendo piedoso foi justo, porq̄ perdoando a ofensa, que sospeitava, pagou o que devia a que era. O perdão de sua esposa foram obrigaçoens de seu pay; *Ioseph fili David.*

*Et nollet eam traducere, voluit dimittere eam.* Não a quis entregar á justiça, quis deixalla, & irse. A segunda cousa em que S. Ioseph mostrou ser filho de David, foy aquelle *nollet*, & aquelle *voluit*. Quis deixalla, & não a quis entregar. Quis, & não quis? O quanto tēdes de Rey, divino Ioseph! Em nenhũa cousa se mostra mais o ser de Rey, que em ter querer, & ter não querer. A liberdade da vontade humana como dizem os Theologos, consiste em hũa indiferença, que se chama quero, ou não quero. Tal ha de ser a vôtade Realivre, & nam sogeita. O Príncipe nem ha de ter a sua vontade sogeita a outrem, nem ha de estar sogeito a sua vôtade. Se té a sua vontade sogeita a outrem, não he Rey dos seus, se está sogeito a sua vontade, não he Rey de sy. Pois pera reynar sobre sy, & sobre os seus ha de ter a vontade

tade em hũa indifferença tão livre, & tão senhora, q̄ seja seu o querer, & seu o não querer *nollet voluit.*

2. Reg.  
18.

Quiz Deos tirar o Reyno a Saul, & sendo que tinha Saul a Ionatas seu filho herdeiro, não deu Deos o Reyno a Ionatas, senam a David. Pois porque rezão a David, & não a Ionatas? Ionatas era hum Principe muyto generoso, muyto liberal, muyto benigno, muyto esforçado, & sobre tudo era filho herdeiro de hum Rey, que pera o respeito dos vassallos importa muyto. David pello contrario era hum pastor, filho de outro de que senam sabião mais talentos que a tirar huma funda, & tocar hũa arpa. Pois porque deferda Deos a Ionatas, & dá a Coroa a David? Eu o direi. Diz o texto fallando de David, & de Ionatas. *Anima Ionate, conglutinata est anima David;* que a alma de Ionatas se atou à alma de David. De sorte que ainda que ambas as almas estavão atadas, a que se atou foi a de Ionatas a David, & não a de David a Ionatas. Advirtio agudamente S. Gregorio Taumaturgo. *Vincula inferrè præstantioris erat, non inferioris, agglutinari autem deterioris. Ita quidem ut vincula expedit se quodam modo non possit.* E como Ionatas se atou a David, & David a Ionatas nam; por isso tira Deos a Coroa da cabeça a Ionatas, & mete na mão o sceptro a David. Porque Principe como Ionatas, que ata a sua vontade á vontade do vassallo, tem talento de vassallo, nam tem talento de Rey; & vassallo, como David, que não sabe a tar a sua vontade, á vontade do outrem, ainda que seja hum Principe este tem talento de Rey, não tem talento de vassallo. E como Deos reparte os officios conforme os talentos, & nam conforme as calidades; seja vassallo o Principe Ionatas, seja Rey o pastor David. Rey que tenha a vontade atada a outrem nam faz isso Deos.

Greg.  
Taum.

E porque rezam importa tanto, que o Principe nã o seja fogeito á vontade alheia? Por duas razões; huma da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey, porq̄ nam he Rey, he subdito; da parte do Reyno, porque nam he Reyno, he confusam. Comeassemos por este segundo

Quando o Sol parou às vozes de Iosué , acontecêram  
no mundo todas aquellas consequencias, que, parando o  
movimento celeste, considerão os Philosophos. As plantas  
por todo aquelle tempo não crescerão; as calidades dos  
elementos, & dos mistos nam se alteraram; a geraçam, &  
corrupçam, cõque se conserva o mundo, cessou; as artes, &  
os exercicios humanos de hum, & outro emisferio estive-  
ram suspensos: os antipodas não trab lhavam, porque lhe  
faltava a luz: os de cima cansados de tam comprido dia  
deixavam o trabalho: estes pasmados de verem o Sol que  
senam movias; aquelles tambem pasmados de esperarem  
pello Sol, q̃ nam chegava; cuidavaõ, q̃ se acabara pera elles  
a luz; imaginavaõ que se acabava o mundo: tudo eram la-  
grimas, tudo affombros, tudo horrores, tudo confusoens.  
Que he isto? Que desordenou a computura do Vniver-  
so? Quem descompoz a harmonia da natureza? Donde tanta  
desordem, donde tanta confusaõ ao mando? Sabeis dô-  
de? A scriptura o disse em duas palavras. *Obediente Domino*  
*vocis hominis:* obedecendo Deos á voz de hum homem. E Ios. 10  
em hum mundo onde Iosué manda, & Deos obedece;  
em hum mundo onde man la o criado, que havia de obe-  
decer, & obedece o Senhor que havia de mandar: q̃ muy-  
to que aja confusoens, que aja desordens, que aja descom-  
posturas: que muyto que nada creça, que nada se obre, q̃  
tudo vâ pera traz: que muyto que os de cima triúfem, &  
os debaixo chorê: & q̃ nascêdo o Sol para todos, os de cima  
levem todas as luzes, & os debaixo todas as trevas?

Com grâdes exemplos destes, se tem infamado o mun-  
do em todas as idades, & sem pedirmos aos seculos passa-  
dos as memorias de Galba, né de Tiberio os nossos olhos  
saõ boas testemunhas. Nòs o vimos, & nòs o vemos. Pergun-  
to, Portuguezes, vòs que vistes o que padécestes, vòs, que  
vedes o q̃ gozais, dôde veyo tâta differença em tão poucos  
annos? A differença não a pondero, porque a vè os olhos:  
a causa porque a vem he só o que pergunto. Sabeis porq̃?  
Porque então tinhamos hum Rey sojeito a hũa vontade

alhea, hoje temos hum Rey Senhor das vontades alheas, & mais da sua: entam tinham os hũ Rey cativo, hoje temos hum Rey livre: entam tinhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: entam tinhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor. Esta he a differença. Rey senhor digo (& he a segunda rezão) porque o Rey fogeito á vontade alhea nam he senhor. He Rey subdito, he Rey nam Rey.

Quando Christo foi levado ante Pilatos, pergütou elle aos ministros daquela justiça: *quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Que quereis q̄ faça do Rey dos Iudeos? Responderam os Escribas, & Fariseos: *Tolle, tolle crucifige eum:* queremos q̄ o crucifigaeis. E que fez Pilatos? *Tradidit eum voluntati eorum:* Entregou á vontade delles. Pergunto agora, quem fez mayor injuria a Christo em quanto Rey dos Iudeos, os Escribas, & Fariseos na sua petiçam, ou Pilatos na sua permissão? Os Escribas em o pedirem p̄ra a Cruz, ou Pilatos em o entregar á sua vôtade? Todos os Doutores cõmumente condenão mais a Pilatos, & cõ muyta razam. Muyto mayor injuria fez Pilatos a Christo cõ sua permissam do q̄ os Fariseos em sua petiçam. Porque os Fariseos nõ que pediam, mostravaõ que Christo era verdadeiro Rey, & Pilatos no que permitia mostrava que Christo naõ era Rey verdadeiro. Os Fariseus mostravaõ, que era Rey verdadeiro, porque pediam a Christo per a Cruz, & nam ha mayor prova de ser verdadeiro Rey, que chegar a dar o sangue, & a vida por seus vassallos. E Pilatos no que permitia mostrava que nam era Rey verdadeiro, porque entregou a Christo á vôtade do, seus, & nam ha melhor prova de naõ ser verdadeiro Rey, que ser Rey entregue a vôtade alhea: *Tradidit eum voluntati eorum.* E senão vejamos o que se seguiu. Tanto q̄ Pilatos entregou a Christo á vontade delles, immediatamente o vestio de hũa purpura de sarça, derãõlhe hum sceptro de cana, puserãõlhe huma coroa de espinhos, & faziaõlhe grandes adoraçoens zombando: *Illudbant ei dicentes, Ave Rex Iudeorum.* De maneira que

Marc. 15.

Joan. 19.

Luc. 23.

Math. 27.



que antes de Christo estar fogeito à vontade alhea, e ainda em suas bocas era verdadeiro Rey; *Quid vultis faciam de Rege Iudeorum?* Mas tão to o entregaraõ a vontade alhea logo foi Rey de farça, & de zõbaria: *Illudebant ei dicentes Ave Rex Iudeorũ* Rey entregue á võtade doutrẽ, terá purpura, terá sceptro, terá coroa, terá adorações, mas a purpura não he purpura, o sceptro, he canã, a coroa espinhas, as adorações zõbaria; *Illudebant ei dicentes Ave Rex Iudeorũ*. E como he tam grande calidade de Rey ter a vontade sua, & nam fogeita: por isso o Anjo chamou a S. Ioseph filho del Rey David, quando o vio tam isento senhor de sua võtade, que era seu o querer, & o não querer: *Cum nollet eam irãducere voluit dimittre eum.*

*Hec autem eo cogitante.* Resoluto S. Ioseph a deixou sua esposa, diz o texto, q andava o São considerãdo *Hec autem eo cogitante* Esta consideração de S. Ioseph me dà muyto q cõsiderar, & q reparar. Não estava ja o São deliberado, & resoluto? Sy estava: que isso quer dizer aquelle *voluit*, de liberação da võtade. Pois se a võtade estava deliberada, & resoluta, que he o que considerava Ioseph? Considerar antes de resolver, isso fazem, ou devem fazer todos, mas depois de resolver considerar ainda? Sy. Porque as materias de grande importãcia (qual esta era) hãse de considerar antes, & mais depois. Antes de resolver hãse de considerar o caso, depois de resolver hãse de considerar a resolução. Esta differença aeho entre a Philosophia natural, & a moral, & politica: que a Philosophia natural pede hum conhecimento antes da deliberaçã; *Nihil volitum quin præcognitum*; a Philosophia moral, & politica pede hum conhecimento antes, & outro depois; hum conhecimento antes que guie a vontade a tomar a resolução, & outro conhecimento depois, que exemine a resolução depois de tomada. Assim fez S. Ioseph. Conheceo, & considerou primeiro, & logo resolveo. *voluit*: & depois de resoluto, & deliberado tornou ainda a considerar. *Hec autem eo cogitante,*

Prolog.

Peccou Adam, econdeuse, & antes de Deos lhe notificar a sentença de desterro, diz o texto, que andava o Senhor passeando, & fallando consigo no Paraíso: *Audivi vocem Dei deambulantis*. As vozes, & os passeos tudo era improprio em Deos, porque o fallar consigo encontra o atributo de sua Sabedoria, & o passear de hũa parte pera a outra encontrava o atributo de sua immensidade, & immutabilidade. Pois que obriga a Deos a fallar consigo contra o atributo de infinitamente sabio? Que obriga a Deos a passear de huma para outra parte, contra o atributo de immutavel, ou immovel? Se vinha castigar a Adão, porque o nam castiga? Se vinha desterrallo do Paraíso, porq̃ o não desterra? Porque? Porque era materia grande, & quila Deos considerar primeiro. Por isso passeava sô como pensativo: por isso fallava consigo, como irresoluto. Procedeu Deos em desfazer o homem, como havia procedido em o fazer. Quando o fez fello com conselho: *Faciamus hominem*, quando o desfez, desfello com consideraçam: *Audivi vocem Dei de ambulantis*. Passear Deos de hũa para outra parte parecia descredito de sua immutabilidade, mas não era senão honra. Cõ Deos ser por natureza immovel, & immudavel, honraste muyto de haver hũa cousa, que o possa mudar, & mover, que he a razão, & como no caso de Adam havia rezoões por hũa, & outra parte, por isso passeava Deos, & se movia de hũa parte para a outra, porque de hũa, & outra parte havia rezoões que o movessem. As rezoões, que havia para castigar, o levavão: as rezoões, que havia pera perdoar, o traziaõ. Que me desobedeceste Adam! Heide castigalo. Esta rezão o levava. Que haja de deitar do Paraíso hum homẽ, que ainda agora puz nelle! Nam o hei de castigar: esta rezão o trazia. Fazer hũ homẽ de nada, foi credito de minha bõdade: desfazelo por pouco mais de nada, por hũa maçã parece demasiado rigor de minha justiça. Ora perdoolhe. Virava Deos o passeio. Mas que hum homem levantado de nada se atrevesse contra quem o criou he grande soberba! E que hum homem por pouco mais de nada por hũa

hũa maçã, arrastasse tantos respeitoſ: he grande engratidão.  
Nam lhe heide perdoar. Tornava a voltar Deos, & ir por  
diante. De maneira que assi andava o Supremo Rey como  
fluctuando de hũa rezã, pera outra: considerando antes  
de resolver, & despois de resolver tornando a considerar.  
Bem assi como S. Ioseph neste caso. Hũa vez sobre confi-  
derado resolutõ, & outra vez sobre resolutõ considerado,  
*Hec autem eã cogitante.*

Seiſora noutra materia nam me espantãra muyto, mas  
em materia de ciumes, em materia, em q̃ lhe não hia menos  
que honra, & amor, que não se arrojaſe Ioseph, que não se  
precipitasse grande capacidade de animo. Lá diz Christo  
que: ſei hũ cego guia outro cego, ambos se despenham: *Ca-  
cus sic ceco ducatũ praeslet nonne ambo in foueam cã deni?* Aqui  
guiou hũ cego a outro cego, & não se despenhou nenhũ. Mat. 15  
O ciume guiava a Ioseph, o amor guiava o ciume, & sendo  
cego o ciume, & cego o amor, nam foram bastantes dous  
affectos cegos, & tam cegos para que a prudencia de S.  
Ioseph se precipitasse. Diffe affectos cegos, & tam cegos:  
porque os ciumes de S. Ioseph eram fundados nas eviden-  
cias do que vira, & nam ha mais perigosas cegueiras, q̃ as  
que tẽ de sua parte os olhos. Dous olhos, & dous cegos  
guiavaõ a Ioseph neste caso, o que occasiã pera hũ preci-  
picio: E que elle se tivesse tam firme nos estribos de sua  
prudẽcia: quem a vista lhe deslambraſse a cegueira, nẽ  
a cegueira lhe escoreceſse a vista, para que se arrojaſſe grã  
de valor. Mas era Ioseph filho de Dãvid, & quem tinha  
tanto de Rey, como havia de ser arrojado?

Quizeraõ matar a Christo os de Catarnaum, & com este  
intento o levavam a hum monte alto, para dahi o despe-  
nharem. Que faria Christo neste passo? Fesse invisivel: &  
passando occulto pello meyo delles, escapou de suas mã-  
os. Senhor, que resoluçãõ he esta? Vós não viestes ao mũdo  
a morrer pellos homens? Si viestes. Morrer a mãos dos. Luc. 4.  
mesmos por quem se morre, ainda he mayor credito do  
amor, que seja o instrumento quem he a causa. Reis se  
tendes:

tendes tão boa occasiã de dar a vida, porque a nam lo-  
grais? Porque fugis da morte? Direi, Christo Senhor nos  
fo no dia de sua morte tinta determinado tomar o titolo  
de Rey, de que na vida fogira: estes homens queriam nõ  
matar arrojando de hum monte abaixo: *Vi precipitent*  
*eum:* pois por isso o Senhor ainda que dezejasse muyto  
morrer, nõ admitio este genero de morte, porque nam dis-  
zia bem a açam de arrojado com o titulo de Rey, Rey, &  
crucificado, isso si: que a Cruz he o Reynar, mas Rey,  
& arrojado nõ: porque encontra o titulo desta Cruz. Lã  
outra vez o diabo a conselhou a Christo q se arrojasse elle:  
*mitte te deorsum.* Estes homens aqui quizerãõ arrojar, com  
*Math. 145.* suas mãos: *vi precipitent eum.* Mas Christo, nõ se foguei-  
tou a esta violencia, nem quiz tomar aquelle conselho,  
porque o Principe, nõ se hade arrojara sy, nem o ha de ar-  
rojar outrem. Nem por imperio proprio, nem por impulso  
alheo. E comõ he tão grande parte de Rey: nam ser arroja-  
do, por isso S. Joseph o foytam pouco nesta occasiam, que  
o achou o Anjo temeroso, quan do o pudera achar temera-  
rio. *Joseph fili David noli timere.* O que glorioso nõ temas!  
que deçãõ Anjos a socegar temores em lanço, que deve-  
ram decer a resistir temeridades? Mas assi obra quem assi  
confidera, & assi confidera, quem he filho de David. *Hec*  
*autem eo cogitante.*

Iã reparamos no *cogitante*, reparemos agora no, *Eo. Hec*  
*autẽ (eo) cogitante.* Com ser hũa palavra de sò duas letras, tẽ  
muyto que reparar. Diz o Evangelista, que as considera-  
ções que Joseph fazia sobre este caso, elle vas discorria  
*Euth.* consigo: *eo* elle, muyto ponderã Euthimio que as nam  
communicasse com outrem, & tem rezaõ. Porq o cuidado  
& a flição de S. Joseph avia mister alivio, & remedio, o ali-  
vio estava na communicaçãõ, o remedio no conselhos: pois  
porque se não a conselha S. Joseph nũm caso tam duvido-  
so, porque o nam communica com outrem? Porque em  
materias grandes (comõ era esta) muytas vezes importa  
mais o segredo, que a resoluçãõ. E negocio em que im-  
portava

tanto o segredo, não fora S. Ioseph filho de David se'a cõ-  
municara com outrem. Materias em que pode ser perigo:  
sa a falta do segredo, não haõ de sair de peito do Principe  
nem para o mayor valido, nem para o mayor confidente,  
nem para o mayor amigo.

He certo, que perguntou S. Ioam a Christo quem era o  
traidor que o havia de entregar; he certo que Christo lhe  
respondeo: he certo que dormio reclinado em seu peito S.  
Ioão; mas não he certo quando adormeceu. Pergunto, em  
que ponto adormeceu S. Ioão? Dizem alguns Doutores, q̃  
adormeceu tanto, que acabou de perguntar; de maneira q̃  
quando Christo respondeo, ja S. Ioão estava dormindo. Fũ  
dam este parecer no texto: porque diz absolutamẽte que  
nenhũ dos que estavam à mesa soube o que Christo disse  
*Hoc autem nemo scivit discumbentium.* Se nenhum: logo nem  
S. Ioam? E se Sam Ioam, a quem se disse o nam. ouvio; logo  
já estava dormindo. Pois que misterio teve este sono su-  
bito? Que em tal occasiam não podia ser a caso. Porque  
adormeceu S. Ioam à resposta de Christo? O mysterio foy  
este. Viose Christo Senhor nosso naquella occasiam como  
em talas cõstrandido a faltar a hũa de duas; ou ao respeito  
de amigo, ou à obrigaçam de Rey. Se não digo a Ioam o q̃  
me pergunta, fulto aos respeitos de amigos; se descubro hũ  
segredo de tanta importancia, fulto às obrigações de Rey:  
pois que remedio para nam faltar ao amor, nem ao segre-  
do? O remedio foi ordenar Christo, que S. Ioam adorme-  
cesse, tanto que perguntou, para que não pudesse ouvir o  
mesmo q̃ lhe respõdia. E desta maneira ficou o Senhor satis-  
fazendo juntamẽte às obrigações de Rey, & aos respeitos  
de amigo: aos respeitos de amigo, porque respondeo ao q̃  
Ioam lhe perguntara: & às obrigações de Rey, porque não  
communicou o que convinha encobrirse. De sorte que  
na boca de Christo, & nos ouvidos de S. Ioão esteve o se-  
gredo juntamente encuberto, & revellado; Revellado na  
boca de Christo, como segredo de amigo: encuberto nos  
ouvidos de Ioão, como segredo de Rey. Tanto devem os

Ioan. I 31

Principes recatar algum segredo, ainda dos maiores privados, qual era João. E se não considerem se os inconvenientes que do contrario se seguiam. Se o Senhor descobri-  
ra o segredo a João João avia de dizer a Pedro, que pera isso o perguntava: se João o dizia a Pedro, Pedro avia de matar a Judas, q̄ a esse fim o queria conhecer: se Pedro mata-  
va a Judas, não se executava a veda, & morte de Christo: & não morrendo Christo ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redenção, & o imperio do mesmo Christo frustrado. Ha maiores incôvenientes? De maneira q̄ de se conservar aquelle segredo, q̄ não parecia nada dependeo a conservação do imperio de Christo. Nam importa menos hum segredo que hum imperio.

Sic.  
Chrys.

Math .27

Leo.  
Pap.

Tanto que Christo espirou, rasgouse o veq̄ do templo, em final de que tambem a sinagoga espirava, & se acabava a Monarchia Hebraea. Assim o dizem todos os Doutores: mas eu replico. O final sempre hade ter porporçã com o que significa, & muita, se he natural: pois que proporção tinha rasgar se o veq̄ do tẽplo com se aver de acabar o imperio da Synagoga? Grande proporção diz Sam Leam Papa: *Sacrum illud mysticumque secretum, quod solus Summus Pontifex jussum fuerat intrare, reseratum est.* Aquelle veq̄ do templo era a cortina que cobria a Sancta sanctorum, onde estavam escondidos os secretos, & mysterios daquella ley, vedados a todos, & só ao Sũmo Sacerdotes permitidos, & por isso tinha grande porporção rasgar se o veq̄ do tẽplo para significar q̄ se acabava a Sinagoga: porq̄ não ha mais proprio final de se acabar hum imperio, hũa monarchia, q̄ romperem se as cortinas dos seus mysterios, & resgarem se os veq̄s de seus segredos. Os Reynos, & as monarchias sustentam se mais do mysterioso, que do verdadeiros, & se se manifestam seus mysterios, mal os defende suas verdades. A opiniaõ he a vida dos imperios, o segredo he a alma da opiniaõ. A prevẽção sabida ameaça a hũa sò parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspende a atençaõ do inimigo, manifestos saõ a guia mais segura de seus acertos

certos Reyno cujas resoluçoens primeiro forẽ publicas, q̃ executadas: ò q̃ perigosa cõjeitura tẽ de sua conservaçam!

Que bem entendia esta politica El Rey David. Levantouse Absalão com o Reyno, começou a fazer grandes levadas de gente, grandes exercitos contra David: & David q̃ faria contra Absalam? Chamou Chusay hum grande seu conselheiro, disselhe, que se passasse á confidencia de Absalão, & que como fosse admitido aos conselhos, lhe revelasse, por vias occultas, tudo o que lá passasse. *Omne verbum quodcumq̃ audieris de dono regis judicabis.* Isto fez David, & não fez mais. Pois David; se vem contra vòs tam numerosos exercitos de Absalão, porque não fazeis tambem exercito? E ja que vos descuidais destas pervençoens, a q̃ fim mandais là Chusay? Que hade fazer hũ homem cótra Absalão? Obrou David como soldado tam experimentado, & como Rey tão politico. Querẽdose opor ao poder de Absalão, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho, porque entendeo que mayor guerra fazia a Absalão cõ hũ homẽ, q̃ lhe rõpesse os seus segredos, q̃ cõ muitos mil homẽs, q̃ lhe rompessem os seus exercitos. Hũ exercito roto pode se refazer, mas hũ segredo roto nam se pode remediar. Hũ exercito roto pode se refazer com soldados, hum segredo roto não se pode soldar com exercitos. Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza: & a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quanto Sansam encobrio o segredo dos seus cabellos, destruiu exercitos inteiros: como descubrio o segredo a Dalida, cortaramhe os cabellos os Filisteus, & poderão atar aquellas valentes mãos, de quem tantas vezes foraõ vencidos. O grande exemplo do poder do segredo! De maneira que se te cabellos, cõ segredo, faziaõ tremer exercitos armados & esse mesmo poder, que fazia tremer exercitos armados sem segredo, bastou hum golpe de hũa tesoura para o debarratar. Por isso David contra Absalão tratou de lhe conquistar os segredos, & não de lhe vencer os exercitos. E se tanta estimaçã fazia de hũ segredo David, porq̃ era Rey

2. Reg.  
15.

Judic. 16.

que muito que fizesse tanta estimaçam do segredo Ioseph porque era filho de David? *Ioseph fili David.*

Fez taõ grande estimaçam do segredo S. Joseph, que nam sõmente nam fiou de outrem, mas tambem nam o fiou de si. Para bem se guardar o segredo, nam só havemos de recatar dos outros, mas tambem o havemos de recatar de nós. O meu segredo ha o de saber algũa parte de mi, mas todo eu nam o hei de saber. Hei de fazer hũ repartimento entre eu, & mi, & se o souber a metade de mi, nam o hade saber a outra ametade. Parece doutrina p radoxã, & he conselho expresso de Christo. *Cum facis eleemosinam nescias*

*Math. 6.*

*sinistra tua quid facias dextera tua:* Quando fizeres algũa esmolla com a mam direita, nam o saiba a mam esquerda. Pergunto: & porque nam disse Christo, quando fizeres algũa esmolla com a mam esquerda nam o saiba a mam direita? Porque a maõ direita he mais nobre, a maõ esquerda menos: & da mais nobre fiou Christo a liberalidade, da menos nobre desconfiou o segredo. O segredo a ninguem; mas havendo de ser, às mayores calidades. Diz pois Christo: O que souber a mão direita, nam o saiba a esquerda. Como se differa: haveis de fazer hum repartimento entre vós, & vós, & o segredo que souber aquella ametade que chega da mam direita até o coraçam, nam o saiba o outra ametade, que chega do coraçam até a mão esquerda. Assim fez Sam Ioseph. O seu segredo sabiao parte de Sam Ioseph; mas todo Sam Ioseph nam o sabia. Sabiao a parte mais nobre dalma, cõ suas potencias: mas nam o sabia a parte menos nobre do corpo cõ seus fêtidos. Sabiaõ as potencias dalma, porque o sabia a vontade, *Noluit*, & o entendimento; *Cogitante*: mas nam o sabiam os sentidos do corpo, porque nẽ a boca o pronúciou, nẽ os olhos o significaram, nem em outro algum sentido se vio indiciõ. Donde se verá a razam porque o Anjo appareço a Sam Ioseph em sonhos; *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E porqué nam acordado, senam dormindo? Porque como Sam Ioseph fiara o segredo sò às potencias dalma



alma: & nam aos sentidos do corpo, aguardou o Anjo a que os sentidos estivessem dormindo, para acudir ao remedio, sem violar o segredo. *Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph quod nulli fuerat ipse confessus, sed inclusum tantummodo mente voluebat:* disse advertidamente S. Ioam Chryso-  
mo. Tanto recato guardou S. Ioseph, & tanto respeito o Anjo a hum segredo. Chryf.

*Hac autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph:* Estão S. Ioseph cuidando nestas cosas appareceolhe hum Anjo em sonhos, diz o Evangelista. Notavel consequencia? Se sonhava logo dormia, & se dormia como cuidava? Dormir, & cuidar juntamente, parece que nam pode ser. Pois se estava cuidando: *Hac autem eo cogitante;* como estava juntamente dormindo: *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph?* Dormia, & mais cuidava S. Ioseph, porque era filho de David. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homens: que os Reys cuidam dormindo, & dormem cuidando. O sono dos Reys he hum sono desvelado, he hum dormir cuidadoso, hum descansar inquieto, hum desatender advertido, hum des- cuidar-se vigiando. Nos outros homens o sono he prisma dos sentidos: nos Reys he diffimulaçam sòmente. Por isso ao Leam lhe deram o Imperio dos Animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe nam fizesse centinella o coraçam. *Ego dormio, & cor meum vigila;* dizia o Rey sabio.

Dormindo estava Pharaõ, quando vio aquelle sonho a dimi-  
ravel da sete vacas fracas, q̄ comiam as sete robustas, em q̄ se significavaõ os sete annos de fartura, & os outros sete de fome, q̄ au iam de succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquietavam o sono estes cuidados. Quatorze annos antes levava Pharaõ adiantado o governo de seus vassal-  
los, & ja entam sonhava cõ seus bês, & o desvellavam seus males. Isto he dormir como Rey. Nos outros homês o sono he hũa morte; nos Principes o sono sam duas vidas. Pharaõ acordado vivia no tempo presente, dormindo vi-  
Gen. 42.

DAN. 3.

via no presente, & mais no futuro: no presente por duran-  
ça, no futuro por cuidado. Mais via Pharaó dormindo  
com os olhos fechados, que acordado com os olhos abert-  
tos: acordado com os olhos abertos via o que ja era, dor-  
mindo cõ os olhos fechados, via o q̃ ainda não era, s̃o por-  
que avia de ser. Fechou os olhos para dobrar a esfera da  
vista. Cõ os olhos abertos via poucos espaços de lugar, cõ  
os olhos fechados alcançava grandes distancias de tempo.  
Assi dormia o Rey do Egypto Pharaõ. E o Rey dos Assi-  
rios Nabuco como dormia: dormia sonhando com o seu  
Reyno, & com os estranhos. Vio Nabucodonosor aquella  
prodigiosa estatua, que representava os quatro imperios  
dos Assirios, dos Persas, dos Gregos, & dos Romanos: o  
corpo estava descuidado, com os sentidos prezos, & a alma  
andava cuidada, levantando, & derrubando estatuas, fan-  
tasiando Reynos, & Monarchias. Mais fazia Nabucodono-  
sor dormindo, que acordado: porque acordado cuidava  
no governo de hũ Reyno, & dormindo imaginava na su-  
cessão de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assirios,  
quem o metia com o Imperio dos Persas, com os dos Gre-  
gos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio  
que tinha. Era Rey, & quem quer conservar o Reyno pro-  
prio hade sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha-  
de ter cuidado, & os Reynos alheos lhe haõ de dar cuida-  
do. Ninguẽ governou bem o seu Reyno, q̃ nam attendesse  
ao governo de todos. O bom Rey tẽ por esfera o mudo.  
He Rey do seu Reyno pelo dominio, & Rey de todos os  
Reynos pelo cuidado. E como o dormir, & o cuidar não he  
contrariedade nos Reys, senaõ natureza, ou obrigação  
quando menos; ten to Sam Ioseph tanto de Rey, nam he  
muyto que estivesse cuidando, & dormindo juntamente.  
*Hac autem eo cogitante ecce Angelus Domini apparuit in somnis  
Ioseph.*

Ora eu nam me espanto tanto de que Sam Ioseph dor-  
mindo cuidasse, senaõ de que cuidado dormisse. Que dor-  
mindo pudesse ter tais cuidados nam me espanta, mas q̃  
tendo

têdo tais cuidados pudesse dormir, isto me admira. O certo he que tanto mostrou S. Ioseph a realza de seu animo em dormindo poder ter tais cuidados, como em tendo tais cuidados poder dormir. No meyo dos mayores cuidados ter magnanimidade de coraçãõ para dar algũ alivio aos sentidos, tambem he parte de Rey.

Transfigurouse Christo no monte Tabor, dando hum bom dia a sua humanidade sagrada, o melhor que nesta vida teve; aççãõ em que sempre reparei muito, naõ tão pelo descostume, quanto pelo tempo. O tempo em q̃ Christo se transfigurou foi quando trazia mais entre mãos os negocios da redempçãõ do mundo, & andava em vesporas de a côcluir, como bem mostraraõ as praticas que teve cõ Moyfes, & Elias. Pois Senhor meu, se andais com hũ negocio de tanta importancia entre mãos, se andais em vesporas de concluir nam menos, que a redençãõ do mundo, como vos ides ao retiro do monte Tabor? Como tomais horas de recreaçãõ? Como vos pondeis a ouvir vozes do Ceo? No meyo de taõ grãdes cuidados esse divertimẽto? Si. Foy Christo alegrarse ao monte Tabor, quando mais cuidadosamente tratava o negocio da redempçãõ, para mostrar que naõ he contra a obrigaçãõ de Rey, nẽ de Redemptor, no meyo dos mayores cuidados tomar hum dia de monte. *Duci in montana pars regni est*: disse discretamente S. Hieronimo. Tomar hum dia de monte, tomar hũa hora de recreaçãõ, no meyo dos mayores cuidados, tambem he parte de Rey. Descançar para cançar mais, antes he ambiçãõ de trabalho, que dezejo de descanso. Quando as potências da alma estãõ tão fatigadas, justo he que se de algum alivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palavras do Santo. *Pars regni est*. Se differa S. Hieronimo, que os moderados passatempos, sam privilegios das magistades: se differa que sam gages do poder supremo; que sam divertimentos licita; & honestamente soberanos, bem estava. Mas dizer, que sam calidades de Rey, & parte de reynar: *Pars regni est*. Si. Porque o principal attributo de reynar he at-

Mat. 17.

D. Hier.

tender ao cuidado do Reyno: & tambem he parte de atender aos cuidados, descuidarse por hum hora delles. Para digerir o negocio, he necessario defafogaro animo; para te he logo de cuidado o divertir se, quando o recrear os sentidos, vem a ser habilitar as potencias. Nam quero outra prova mais q̃a do nosso Evangelho. Dous estados teve S. Ioseph neste seu caso, hum de cuidadoso quando imaginava, outro de divertido quando dormia. Pergũto. E quando resolveo Sam Ioseph o negocio que tanta pena lhe dava? Quando? Quando se divertio hum pouco delle. Quando cuidadoso imaginava, tudo eram duvidas, tudo escrupulos, tudo perplexidades; quando se divertio hum pouco dormindo serenaramse as tempestades do animo, & desfes a verdade a cõfussão, que o trazia perplexo. De maneira q̃ o demasiado cuidado lhe embarçava a resoluçãõ, & o moderado descaço lhe resolveo o cuidado. Quando deu a recreaçãõ aos sentidos, entãõ achou a soluçãõ dos negocios. *Ecce Angelus Domini apparuit in somnis Ioseph.* E como tambẽ he parte de Rey, no meyo dos mayores cuidados, tomar algũ descaço; por isso o Aujo quando achou dormindo a S. Ioseph, no meyo dos seus lhe chama filho del Rey David. *Ioseph fili David noli timere.*

Temos acabado a segunda influencia do nosso Planeta que foy: Para que o Reyno tivesse Rey influir ao Rey calidades, & perfeições reaes. Na applicaçãõ dellas se me offerencia agora larga materia a hum agradavel discurso, se pregara noutro lugar. Mas acontece hoje o que a Plinio cõ a Magestade de Trajano, que a presença de taõ moderado Principe lhe impe lia a mayor parte de sua oraçãõ, quasi offendendo cõ o silencio suas virtudes, por nam offender com o discurso sua modestia. *Orationẽ meam ad modestiam Principis moderationemq̃ submittam, nec minus considerabo quid aures ejus pati possint quam quod virtutibus debeatur.* E assi para q̃ os louvores sejaõ sò de S. Ioseph; & para q̃ nam fulte de nossa parte ao reconhecimento agradecido de q̃ os sobeigaõens que lhe devemos; saibamos que

Plin.

nam sò foram influencias deste benigno Planetá as cali-  
dades do nascimento, senaõ a conservaçaõ da vida que sua  
Magestade logre por compridissimos annos para que con-  
temos muytos dias destes: Nenhum R y teve mais arris-  
cada a vida, & com ella o Reyno, que aquelles tres Reys  
que no nascimento de Christo o adoraraõ: porque estav am  
debaixo da jurdiçaõ de Herodes, & sogeitos ás temerida-  
des de sua tyrania. Com tudo Deos os levou por taes car-  
minhos, que elles conservaraõ as vidas, & se restituiram a  
seus Reynos. Mas porque merecimentos? Ouvi humas *Math. 1.*  
palavras de Sam Hieronyno de poucos atè hoje bem en-  
tendidas. *Responsum accipiunt non per Angelum, sed per ipsum*  
*Dominum vs meritorum Ioseph privilegium demonstraretur.* Em *Hier.*  
sinoulhes Deos imediatamente o caminho por onde se ha-  
viam de restituir salvos a seus Reynos, porque se vissem  
os privilegios de Sam Joseph: *Vt Ioseph privilegiũ demon-*  
*straretur.* Salvarem se os Reys a pezar do tyrano, privilegio  
dos Reys parece, porque elles o gozaram: pois como diz  
Sam Hieronymo, que nam foy senam privilegio de Sam  
Ioseph: *Vt Ioseph privilegiũ demonstraretur?* Como S. Ioseph  
era do Real sangue de David, ainda por força natural de  
sangue estam tam vinculados seus merecimentos ao pa-  
trocinio das pessoas Reaes, que quando Deos guarda os  
Reys fallo pellos privilegios de S. Ioseph. Dos Reys foy  
o beneficio, mas de Sam Ioseph foy o privilegio *Vt Ioseph,*  
*privilegium demonstraretur.* Assi que conservar S. Magestade  
a vida a pezar do tyrano dentro em suas proprias terras  
& restituir se a seu Reyno por caminhos tam outros do q̃  
se podia esperar: *Per aliã viã reversi sunt in regionem suã,* for-  
tunas sam de S Magestade, mas foram privilegios de S. Io-  
seph. *Vt Ioseph privilegiũ demonstraretur.* A S. Ioseph devemos  
a vida, & os annos do Rey que nos deu em seu dia.

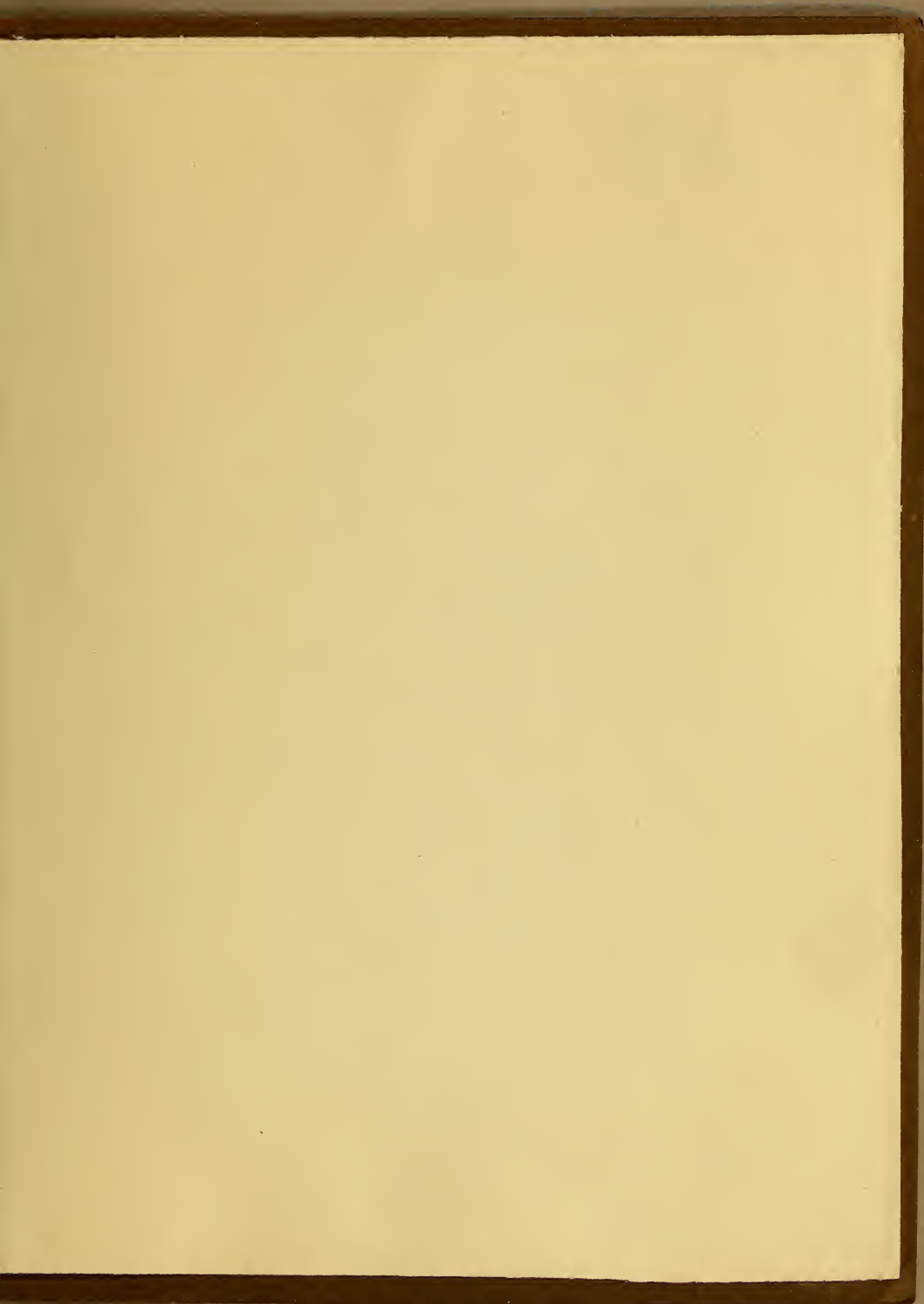
Mas quero eu por fim q̃ advirtamos, q̃ ainda q̃ nos deu  
o Rey, & os annos, mais lhe devemos pelos annos, q̃ pelo  
Rey. Ora notai. O Reyno de Portugal, nam se perdeu por  
falta de Rey; perdeu se por falta de annos. Nam se perdeu  
D por

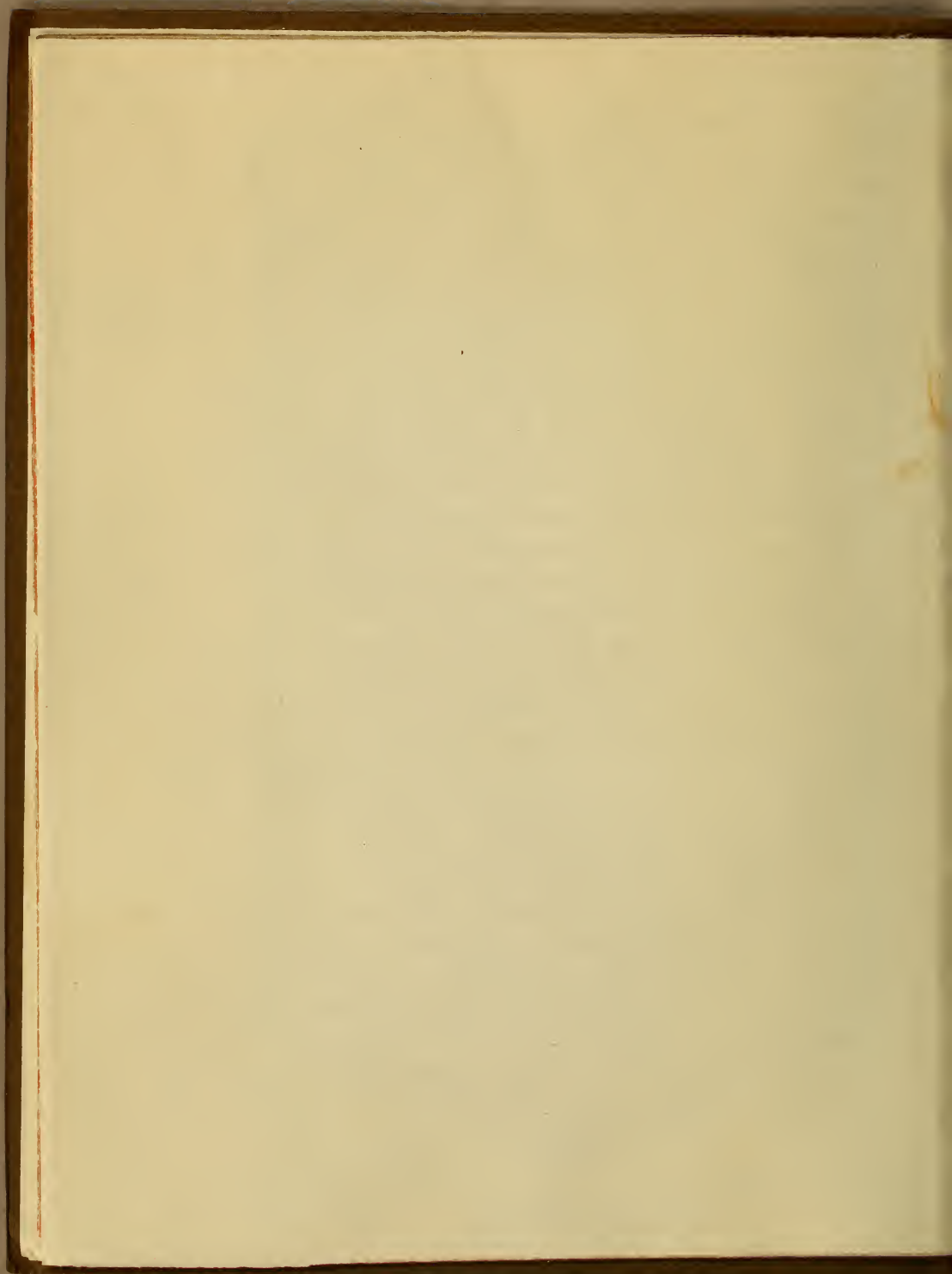
M1-214  
R. B. Rosary  
Dec, 70

por falta de Rey, porque nas mãos de dous Reys se perdeu: nas mãos del Rey Dom Sebastiam, & nas mãos del Rey Dom Henrique. Perdeose porèm por falta de annos; porque El Rey Dom Henrique tinha tãtos annos, que nos nam pode deixar sucessor: & El Rey Dom Sebastiam tinha tam poucos, que sem nos deixar sucessor se foy matar a Africa. E como o Reyno se perdeu por falta de annos, & nam por falta de Rey, nam devemos tanto a Sam Ioseph pelo Rey como polos annos. Porque nos deu hum Rey de tal idade, & em tal mediaina de annos, qual o haviamos mister. Nem tam poucos annos como os del Rey Dom Sebastiam, porque havia mister mais annos o governo: nem tantos annos como os del Rey D. Henrique, porque havia mister menos annos a sucessam. Hum Rey que tivesse vivido os annos que bastassem pera a experiencia, & q̄ lhe faltassem por viver os annos, que sam necessarios para a conservaçam. Annos maduros para o cõselho, efficaçes para execuçam, robustos para o trabalho, fortes, & animosos para a guerra, em fim annos, que se ham de continuar com muitos, & felicissimos: q̄ debaixo do patrocínio de Ioseph, nam ha annos infelices, ainda que os prometa o tẽpo. Pharaõ sonhou sete annos de fartura, & sete de fome: pozse debaixo do patrocínio de Ioseph, & todos os quatorse annos foram de fartura. De maneira q̄ na prenham do Rey havia annos felices, & infelices; mas na protecçam de Ioseph os felices, & os infelices todos foraõ ditos. Assim seraõ os annos q̄ esperamos (por mais q̄ o mundo padeça calamidades) felices todos por favor de S. Ioseph: felices na vida de Ss. Magestades, & Altezas: felices em gloriosas victorias de nossos inimigos: felices na conservaçam, & perpetuidade de nosso Reyno: felices em fim na reformaçam dos costumes, & augmento das virtudes Christãs, por meyo da

graça. *Quam mihi, &  
vobis, &c.*

LAUS DE O;







522 2/628

CA673

V658sd

